

As Bem-Aventuranças e a lei na mensagem de Jesus¹

José Carlos Carvalho

Introdução

Mais do que propriamente elaborar um comentário, o que aqui se pretende é tão-somente compaginar as bem-aventuranças com a lei para que não se contraponha a lei de Deus às bem-aventuranças, como é infelizmente recorrente em muita modernidade dita bem pensante, e até em muito discurso religioso ou pregacional que atira o reino de Deus para a pura interioridade, cometendo assim a mesma derrapagem hermenêutica da escola protestante liberal de Tübingen dos finais de novecentos. As bem-aventuranças traduzem da parte de Jesus o mesmo sentido da Lei. Jesus aplica a Torah com as bem-aventuranças, fazendo desta dita magna carta do reino uma mensagem exigente, um projecto de vida com regras a respeitar, e não a porta aberta para uma vivência sentimental ou superficial de uma certa concepção do amor entendido ou reduzido apenas à filantropia ou a um sentimento vago de empatia.

Os macarismos evangélicos

Os evangelistas apresentam-nos duas versões do famoso discurso das bem-aventuranças (cf. Mt 5,1-12 e Lc 6,20-23). Pelo facto de a versão lucana ser mais

¹ Este texto é a revisão de uma comunicação apresentada no Seminário dos Redentoristas em Vila Nova de Gaia em 09-10-2010

exígia é normalmente considerada a mais anterior², tendo Mateus trabalhado esta versão³. Na verdade, a estrutura dos dois discursos diverge, ainda que apresente pontos comuns. Mt 5:1-12 inicia o Sermão na Montanha (cf. Mt 5-7), o qual passou a ser conhecido como discurso sobretudo a partir deste seu início. O discurso das bem-aventuranças em Mateus apresenta uma estrutura decalcada numericamente das Dez Palavras (cf. Ex 20,1-17) pois Jesus é o novo Moisés, e por isso tem de apresentar também Dez Ensinamentos fundamentais. Além do mais, se Moisés foi ensinado no monte Horeb, então agora Jesus ensina num outro monte. A montanha é naturalmente o local da revelação ao longo do evangelho de Mateus, e por isso mesmo o local onde agora Jesus ensina os discípulos e a multidão que ali se juntara nas margens do lago. Este, que é o primeiro grande discurso de Jesus no primeiro evangelho canônico, elenca nove beatitudes e uma décima advertência, a qual, por ser uma advertência, também se torna caminho de felicidade:

ιδῶν δὲ τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος, καὶ καθίσαντος αὐτοῦ προσῆλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ·

² καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτοὺς λέγων·

³ Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.

⁴ μακάριοι οἱ πενθοῦντες, ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.

⁵ μακάριοι οἱ πραεῖς, ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὴν γῆν.

⁶ μακάριοι οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην, ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται.

⁷ μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.

⁸ μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ, ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν ὄψονται.

⁹ μακάριοι οἱ εἰρηνοποιοί, ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ θεοῦ κληθήσονται.

¹⁰ μακάριοι οἱ δεδιωγμένοι ἕνεκεν δικαιοσύνης, ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.

¹¹ μακάριοί ἐστε ὅταν ὀνειδίσωσιν ὑμᾶς καὶ διώξωσιν καὶ εἴπωσιν πᾶν ποιηρὸν καθ' ὑμῶν [ψευδόμενοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ.

¹² χαίrete καὶ ἀγαλλιᾶσθε, ὅτι ὁ μισθὸς ὑμῶν πολλὸς ἐν τοῖς οὐρανοῖς· οὕτως γὰρ ἐδίωξαν τοὺς προφῆτας τοὺς πρὸ ὑμῶν

Diversamente de Mateus, Lc 6:20-23 apresenta Jesus no lugar costumeiro da conversa com os seus contemporâneos. Por isso, Jesus faz um discurso na planície, discurso este que é inaugural na Galiléia (cf. Lc 6,20-49), mas que já sucede à homilia na sinagoga de Nazaré em Lc 4. A versão lucana insiste mais naqueles que compõem o reino:

² Neste sentido ver Cf. JOHN PAUL MEIER, Un Certain Juif Jésus Les données de l'histoire IV La Loi et l'amour, [LeDiv], Paris 2009, 633 nota 173.

³ Sobre este discurso MARCEL DUMAIS, Le Sermon sur la Montagne. État de la recherche, Interprétation, Bibliographie, Sainte-Foy – Québec 1995, 140-163; ALBERTO MAGGI, Padre dei poveri. Traduzione e commento delle Beatitudini e del Padre Nostro di Matteo, [= Orizzonti Biblici], Assisi 1995, 53-68.

- ²⁰ Καὶ αὐτὸς ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἔλεγεν· Μακάριοι οἱ πτωχοί, ὅτι ὑμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.
- ²¹ μακάριοι οἱ πεινῶντες νῦν, ὅτι χορτασθήσεσθε. μακάριοι οἱ κλαίοντες νῦν, ὅτι γελάσετε.
- ²² μακάριοί ἐστε ὅταν μισήσωσιν ὑμᾶς οἱ ἄνθρωποι καὶ ὅταν ἀφορίσωσιν ὑμᾶς καὶ ὀνειδίσωσιν καὶ ἐκβάλωσιν τὸ ὄνομα ὑμῶν ὡς ποιηρὸν ἕνεκα τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου·
- ²³ χάριτε ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ καὶ σκιρτήσατε, ἰδοὺ γὰρ ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τῷ οὐρανῷ· κατὰ τὰ αὐτὰ γὰρ ἐποιοῦν τοῖς προφήταις οἱ πατέρες αὐτῶν.

O Sermão da Montanha, apresentado por Mt como discurso inaugural da nova Lei do Reino, reúne diversas sentenças de Jesus nas quais se trata da nova justiça cristã (cf. Lc 6,20-49). Ao texto das bem-aventuranças de Mt 5,3-12, que serve de exórdio, seguem-se três partes no primeiro discurso mateano: 1) a justiça perfeita (v.13-48); 2) as boas obras (6,1-18); 3) três admoestações (7,1-27). Trata-se de um apelo de Jesus, em confronto com a Antiga Aliança, a quem deseja segui-lo. Começa com uma aclamação recorrente na Escritura no v.3: "Felizes". Este é um modo clássico bíblico de felicitar alguém por um dom recebido ou de anunciar uma alegria. Com tal expressão, Jesus indica quem são aqueles que se encontram em condições mais propícias de receberem o Reino de Deus (isto em Mateus)⁴, mas também quem é Ele mesmo (isto mais em Lucas). O adjetivo "makários" é reservado no grego clássico aos deuses por possuírem a imortalidade. O adjetivo "eudaimon" nunca é usado, o que é significativo. Com efeito, trata-se de uma adjetivação conotada com as duas grandes filosofias do primeiro século na Grécia e em Roma – as filosofias epicurista e estoica. É sintomático que em toda a Escritura o conceito grego de "eudaimonia" (felicidade) não seja utilizado. Antes, prefere a "kairê" (a alegria), porque a felicidade helénica é individualista e hedonista. Então, subsiste a questão e a perplexidade: que discurso é este? Um lenitivo para o futuro, uma ilusão? Uma fuga da realidade? Será uma ironia? Como aceitar a sua linguagem paradoxal, pelos menos segundo alguns critérios mais mundanos? Qual o lugar que ocupam no ministério de Jesus? De onde vem esta linguagem? Qual a felicidade anunciada no Antigo e no Novo Testamento? Será que este é um ensinamento totalmente diferente do da Torah de Israel? Reduzem-se as bem-aventuranças (como frequentemente são vertidas na pregação) a um convite à mera interioridade, a um sentimento difuso de amor alheio a qualquer regra ou princípio, como se Jesus anunciasse que a partir de agora bastaria acreditar na misericórdia de Deus que tudo estaria resolvido? São as bem-aventuranças

⁴ Neste sentido PIERRE BONNARD, *L'Évangile selon Saint Matthieu*, [= CNT 1], Gênevê 2002, 55.

uma palavra inatingível, uma mundividência heróica ou desumana, inalcançável, utópica? Ou serão mesmo uma caricatura da própria lei de Deus do Antigo Testamento dada a Israel por intermédio de Moisés? Significam as bem-aventuranças uma convite à passividade, à inacção (como acusou a modernidade depois de Nietzsche)? Estamos perante um ensinamento no mínimo provocante, exigentíssimo e desconcertante⁵. Jesus continua aqui a missão iniciada na sinagoga de Nazaré quando comentou em aramaico a leitura da haphtarah de Is 61:1-6:

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres, enviou-me a curar os de coração abatido, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os prisioneiros; ² a apregoar o ano da graça do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar os que andam tristes ³ e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, veste de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória. ⁴ Edificarão os lugares antigamente assolados, restaurarão os de antes destruídos e renovarão as cidades arruinadas, destruídas de geração em geração ... e vós comereis todas as riquezas das nações".

A mesma promessa já vinha do deuterio-Isaías:

Is 49:9-13⁹ "... para dizes aos presos: Saí, e aos que estão em trevas: Aparecei. Eles pastarão nos caminhos e em todos os altos descampados terão o seu pasto.¹⁰ Não terão fome nem sede, a calma nem o sol os afligirá; porque O que deles se compadece os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas.¹¹ Transformarei todos os meus montes em caminhos, e as minhas veredas serão alteadas.¹² Eis que estes virão de longe, e eis aqueles, do Norte e do Ocidente, e aqueles outros, da terra de Sinim.¹³ Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos, porque o Senhor consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece".

Nesta época, tendo perdido tudo (rei, território, templo), o povo hebreu conheceu os horrores da guerra e da deportação: homens empalados, crianças e mulheres violentadas, destruição de casas e do templo, guerreiros esfolados vivos, fome, sede. Isto mesmo é descrito nos baixos-relevos da Assíria. Este povo sabe na pele o que é ser pobre, sabe o que é ser "anawim", refugiado, aflito, cativo. Esta mesma condição continuará a ser vivida na comunidade primitiva, tal como o atesta a Primeira carta de Pedro que bem comentou e conheceu o

⁵ Assim o classifica o CARDEAL CARLO MARIA MARTINI, *Il Discorso della montagna Meditazioni* (2006), Milano ²2007, 16.

evangelho de Mateus:

1 Ped 3:14 "Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados";

1 Ped 4,14 "Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus".

No discurso aos anciãos de Éfeso, Paulo recorda a verdadeira felicidade em Act 20,35: "há maior felicidade em dar do que em receber (μακάριόν ἐστιν μᾶλλον διδόναι ἢ λαμβάνειν)". Mas na Escritura existe muita gente feliz e pelos mais diversos motivos. Lia é feliz por ter tido um filho (cf. Gen 30,13), Maria é feliz por ter acreditado (cf. Lc 1,45), são felizes os "perseverantes" (Tg 5,11), os que "acreditam sem terem visto" (Jo 20,29), "os mortos que morrem no Senhor" (Ap 14,13), os "convidados para o banquete do Cordeiro" (Ap 19,9), o que não se escandaliza por Jesus (cf. Mt 11,6), o que guarda as palavras da profecia do Apocalipse (cf. Ap 22,7), a alma que teme o Senhor (cf. Sir 34,15), Israel é feliz por ter um Deus como Javé (cf. Dt 33,29), é feliz o homem que ouve o Senhor (cf. Prov 8,34), aquele a quem Deus corrige (cf. Job 5,17), o homem que cuida da sabedoria (cf. Sir 14,20), o que usa de compaixão para com o pobre (cf. Prov 14,10), o que guarda a lei (29,18), o que se deixa convencer pelo Senhor (16,20), o homem que coabita com uma mulher sensata (cf. Sir 25,8) e o que encontra uma mulher de valor (cf. Prov 31,10). A felicidade está biblicamente ao nosso alcance. Afinal, não é um caminho inatingível.

De algum modo nas bem-aventuranças, na magna carta do reino, somos por isso precisamente colocados no centro do anúncio do evangelho do reino, tema que atravessa o discurso, o ensinamento dito das bem-aventuranças. Nesta catequese, Jesus prolonga o *ensinamento* sobre o reino e prolonga o anúncio do reino. Agora di-lo de outra maneira. Com efeito, trata-se de um discurso, de uma didaskalia e não de uma pregação, pois o verbo é "edidasken" enquanto o verbo do anúncio do reino é "keryssein"⁶. Com este discurso, Jesus continua a sua missão iniciada na sinagoga de Nazaré onde começa a cumprir Is 61 ("o Senhor ungiu-me para anunciar a *boa nova* aos pobres ..."). Isto supõe que o discurso de Jesus comentador e ensinador (e não tanto arauto) é dirigido sobretudo à Igreja e aos discípulos ou àqueles que já decidiram querer fazer parte dos seus seguidores⁷. O discurso *explica não o que é o reino mas quem é o reino e de quem é o reino*⁸. Jesus começa por trocar os esquemas sociais do seu tempo, aliás como sempre fez Deus.

⁶ Cf. CARDEAL CARLO MARIA MARTINI, *Il Discorso della montagna Meditazioni* (2006), Milano ⁵2007, 23.

Em Lucas são os pobres que marcam as outras três bem-aventuranças. São pobres socialmente (porque são odiados e rejeitados), são pobres afectivamente (choram) e são pobres economicamente (têm fome). É a estes que Jesus se dirige, porque ainda poderão querer receber alguma coisa. Estes são os predilectos de Deus. Jesus continua aqui por palavras a condensar o significado daquilo que vive e faz. Não existe incoerência entre o que prega e o que vive, Jesus não diz uma coisa e depois faz outra. Por isso tanta gente o ouvia e seguia. Não apenas pela sua coerência de vida, mas também pela esperança que trazia aos desesperados de Israel. Jesus vive atento aos enjeitados de Israel: os doentes, os pobres, os coxos, os pecadores, os publicanos, os possessos. Com isto Jesus revela antes de mais quem é Deus e não tanto ensina sobre quem é Deus. Deus quer um reino onde todos estes tenham lugar, porque já na sociedade do seu tempo isso lhe é negado. Ao ouvir este discurso (onde qualquer um se reconhece) e ao ver Jesus viver assim, os pobres de Javé aprendem sobre Deus, não apenas sobre Jesus. Ouvem assim dizer-lhes quem é Deus. As bem-aventuranças são assim uma tradução, um equivalente da mensagem central do reino (cf. Lc 4,43; Mt 4,17) e uma grande lição da mais espiritual teologia, em perfeita consonância com o Deus da lei e da aliança que Israel conheceu.

Em Mateus Jesus anuncia outras venturas que dão um colorido mais espiritual e moral a este ensinamento. Mas Jesus vai ao A.T. e ao judaísmo buscar as categorias que distribui ao longo do sermão da montanha. Assim, a palavra grega "makarios" traduz normalmente o hebraico "ashrê" (feliz), conceito que nunca é aplicado a Deus (o que é sintomático devido à tristeza que o povo Lhe causava)⁹. O que nos transmite a Escritura sobre os pobres? Quem mais fala nos felizes são os salmos (25 vezes), logo a abrir (Sl 1,1 "feliz o homem que medita na lei do Senhor ..."; no targum é "tôvá", bom, belo), e os livros sapienciais. O termo "berakah" (bênção) aponta mais para o futuro, enquanto "ashrê" mais para o presente, para uma ventura já realizada ou em fase de realização. Também por este motivo Jesus privilegia este adjectivo "makários". Não é uma promessa apenas para o futuro, como se ela fosse inexequível agora, já no presente. Isso anunciaram as ideologias e foi o que se viu, ou é o que se vê. Parece nas ideologias que só nos resta esperar por uma condição nunca alcançável ou nunca realizável neste mundo. Se assim fosse, a esperança não teria conteúdo, seria mera ilusão ou alienação. Além disso, é sintomático que no grego o primeiro membro das bem-aventuranças não tenha verbo. Quando isto acontece assume-

⁷ Neste sentido ver UMBERTO NERI, *Il Discorso della Montagna*, Milano 1998, 6-7.

⁸ Cf. CARDEAL CARLO MARIA MARTINI, *Il Discorso della montagna Meditazioni* (2006), Milano ⁹2007, 24.

⁹ Neste sentido ver PETER FIEDLER, *Das Matthäus-evangelium*, [= ThKNT 1], Stuttgart 2006, 107. O Deus de Israel é um Deus desventurado com o seu povo ao ponto de desabafar em forma de crítica retórica em Miq 6,3: "meu povo que te fiz Eu? Em que te fatiguei? Responde-Me".

se o presente. Jesus não precisa de acrescentar o verbo. Os destinatários das bem-aventuranças já são agora felizes, podem agora sê-lo. Este macarismo, esta felicidade é então um percurso a construir, é algo possível, posso esperar nele e construir um caminho diferente, até o posso experimentar já agora. E Jesus é o sinal vivo disso mesmo. Por isso, os seus contemporâneos vêm nEle o reino.

O anúncio destas venturas é dirigido por Jesus a diferentes categorias de pessoas designadas pelas suas situações (Lc) e pelas suas disposições interiores (Mt) que lhe permitirão estar no reino, fazer parte do reino e esperar ainda mais do que aquilo que a realidade para já vai oferecendo. Jesus não faz uma apologia da pobreza, não anuncia que os pobres são felizes por não possuírem muitas coisas ou por viverem na indigência. Isso seria masoquismo. Eles são felizes porque são amados por Deus e porque essa situação não é uma fatalidade, serão saciados, não tanto com os bens materiais, mas com relações e cumprimento de anseios que não há dinheiro que pague ou compre. Há coisas na vida que não se conseguem comprar e que só por vezes na condição do limite e dos limites conseguem ser alcançadas. Em Mateus, Jesus alude às disposições interiores, às condições para continuar a estar no reino. A felicidade é assim inseparável das disposições espirituais, do espírito humano, não é meramente um objecto (o que a torna, curiosamente, tão moderna). O importante é a decisão interior na consciência que decide optar por Deus, e não aquilo que se vê por fora. Pode ser perfeitamente oco, e ser apenas o sinal do desespero de quem se agarra às aparências porque já não tem mais nada nem ninguém a quem pedir socorro – nem sequer ou muito menos a Deus. Neste sentido, com uma enunciação declarativa, Jesus sobe a fasquia, chama à medida alta de nós mesmos, coloca-nos à sua altura, e abre ao horizonte do futuro para começar a construir o presente. É feliz e será feliz quem quiser optar por este caminho. Isto faz do cristianismo, de facto, uma aventura da liberdade e uma palavra com incidência social e política. Em vez de dizer o mesmo na linguagem negativa dos Dez Mandamentos, Jesus declara positivamente este caminho de felicidade como um caminho que dá esperança e que está aberto a todo aquele que o quiser percorrer com Ele. Esta, então, é uma felicidade que nos é oferecida, não somos nós que a conquistamos por nós mesmos. Jesus oferece este caminho, que acaba por ser muito mais exigente do que o caminho indicado por Moisés que se limitava a enunciar o que não deve ser feito ... Agora, estão aí abertas todas as possibilidades, está aí a planície do mundo. Em Mateus Jesus coloca-nos no monte a ver todo o mundo de possibilidades para aí construir um caminho verdadeiramente feliz. Esta é a medida alta de Jesus. Com frases declarativas muito simples, Jesus constrói um discurso apelativo, interpelativo, desafiante, sem nunca usar o verbo “dever”. As bem-aventuranças não são uma lista de imposições. Esse era o jeito de Moisés. Agora, as palavras têm força

e sentido em si mesmas. Dizendo simplesmente o que é, Jesus dá abertura a uma felicidade como possibilidade que podemos esperar que venha até nós caso estejamos dispostos a percorrer esse caminho de vida nova, esse caminho da alegria. Este caminho das bem-aventuranças acaba assim por ser muito mais exigente do que o caminho meramente cumpridor dos convites a não fazer algumas coisas contrárias à lei das Dez Palavras do monte Horeb. A felicidade das bem-aventuranças pode ser esperada como adveniente até nós, mas que nós não produzimos. É uma felicidade muito diferente das felicidades que o nosso mundo tão bem sabe oferecer, mas que não tornam felizes muitas mulheres e homens do nosso tempo. A felicidade das bem-aventuranças não é uma conquista de poder, não é a satisfação dos nossos desejos ou caprichos, não equivale à ausência de problemas ou de dificuldades como se vivêssemos no paraíso ou como se o paraíso fosse aqui e agora. Também não é um estado de euforia psicológica, nem um convite desmesurado à avareza ou à busca de experiências fortes. Também não propõe o caminho fácil da dependência de tóxicos que anestesiavam a dureza da realidade. As bem-aventuranças são muito realistas. Por tudo isto, quer Mateus quer Lucas concluem com a recordação da perseguição: ser perseguido por causa de Jesus custa mas é uma experiência de felicidade e de libertação – os mártires relatam-nos sempre isso.

Mas importa olhar para algumas das expressões emblemáticas deste discurso. Quem são os *Pobres em espírito* (*ptwkoi tô pneumati*)? A evangelização dos pobres era, com os milagres, um dos sinais indicados por Jesus aos discípulos do Baptista, pelos quais poderiam reconhecer o Messias (11,4-5). Esta expressão (“felizes os pobres”) nunca aparece assim na Escritura, a não ser aqui. Os Padres pensaram que Jesus aqui convidaria ao desapego dos bens, a ser livre dos bens pela força do seu espírito fazendo-se voluntariamente pobres. No grego, todavia, encontramos um dativo de relação que não indica o agente mas o portador ou o domínio do comportamento: pobre no que respeita ao espírito. Trata-se de uma pobreza interior entendida metaforicamente, e não se trata de um QI diminuído nem da ignorância. Trata-se de um espírito que não é auto-suficiente, e que por o não ser ainda espera alguma coisa do mundo, de Deus e dos outros¹⁰. Um espírito cheio de si mesmo não precisa de nada nem de ninguém e por isso não espera nada nem ninguém. Este pobre então é alguém que não se considera auto-suficiente, mas reconhece-se indigente e humilde, que sabe que precisa dos outros e de Deus para se sustentar na vida, para não ficar isolado. Sabe que pode esperar algo dos outros e que Deus tem algo sempre a dar. Mas quem são na Escritura os pobres? O Antigo Testamento apresenta-nos quatro tipos diferentes de pobres: o dal (fraco, socialmente

¹⁰ Cf. PIERRE BONNARD, *L'Évangile selon Saint Matthieu*, [= CNT 1], Gênevê 2002, 56.

insignificante, indefeso), o 'âni (o miserável, o aflito, obrigado a curvar-se perante os ricos), o 'ébyôn (materialmente indigente), e o 'ânâw (o humilde). Israel viveu o desejo de não ter pobres no seu seio. Isso mesmo o atesta o tgDt 15,4: "se praticares a lei não haverá entre ti ebyonim; pois o Senhor, teu Deus, te abençoará abundantemente na terra que te dá por herança, para a possuíres". A pobreza foi interpretada na teologia farisaica de Israel como uma punição e a riqueza como uma bênção (como aliás fez e faz muito protestantismo moderno tão próximo do capitalismo neo-liberal). Mas Deus é o Deus dos pobres. Que pobres? Os diversos tipos de pobres são aqueles que poderão esperar algo de Deus, o verdadeiro rei (aquele que assegurava a liberdade do povo frente aos povos estrangeiros, e que exercia a sua missão libertadora no seio – interior – do seu povo). Todos eles esperam algo de Deus, que Deus lhes envie alguém e os ajude, precisamente pela consciência e experiência da indigência. Em lQM 14,7 encontra-se uma expressão semelhante – "anwey ruah". O mesmo anúncio destas venturas chega-nos igualmente do pluralismo judaico na respectiva literatura peri-testamentária, como é o caso do segundo livro de Enoch:

2 En 42,6-14: "feliz quem teme a Deus e O serve. Aprendei a fazer ofertas ao Senhor, para que isso alegre a vossa vida. É feliz quem julga com rectidão, quem veste os nús e dá pão aos que têm fome ... quem ajuda os oprimidos. É feliz quem do caminho tortuoso se afasta e caminha por sendas direitas ... feliz aquele em quem a verdade está, para que possa falar a verdade com o próximo ... feliz aquele em cuja boca está a compaixão. Feliz o que entende as obras do Senhor e adora Deus ...";

2 En 52,1-16 "feliz quem abre a boca para o louvor do Senhor"¹¹.

Estes pobres são os humildes que depositam toda a sua confiança e esperança em Deus, o único que salva¹². Fazem exactamente o contrário dos fariseus. Estes pobres de Javé não têm pretensões diante de Deus. Os fariseus já não esperam nada de Deus porque pensam que por si mesmos e com a lei conseguem a auto-suficiência e a salvação. Para os pobres de Javé, para os humildes do Senhor, a única riqueza é Deus. Alguém assim pode crescer muito e esperar muito, pois sabe que tem muito a receber. Por isso, a primeira bem-aventurança provavelmente apresentará a condição básica para ser feliz – a receptividade face a Deus, face ao Deus dos céus que vive aí (nas alturas) por ser de facto pobre. Neste sentido, a primeira bem-aventurança não apresenta as disposições espirituais dos pobres, mas o coração do verdadeiro Pobre –

¹¹ Cf. PETER FIEDLER, *Das Matthäus-evangelium*, [= ThKNT 1], Stuttgart 2006, 108. Além destes textos vejam-se 4Q521; SlSal 18,6-9; aethHen 103,1-4

¹² Neste sentido ver PETER FIEDLER, *Das Matthäus-evangelium*, [= ThKNT 1], Stuttgart 2006, 110.

Deus. É Deus que é pobre e cujo reino ultrapassa o nosso. O que está em causa são as disposições reais de Deus. É Deus que assim se apresenta venturoso. Deus vive, por isso, uma mansidão espiritual.

Quem são então esses *Bem-aventurados os mansos*? Pela sua ligação com a pobreza, alguns vêm no v.5 uma glosa do v.3. Jesus apresenta-se como manso (cf. Mt 11,29) e o mesmo requer do seu discípulo (cf. 2 Cor 10,1; Gal 5,23) para possuir a verdadeira terra – a vida. A posse da terra é uma expressão bíblica relacionada com a Terra Prometida (cf. Sl 25,13; 37,11.22.29.34), equivalente à do Reino de Deus. Mt 5,5 cita literalmente o Sl 37(36),11 (“os anawim possuirão a terra e a plenitude da paz”). Neste salmo os “anawim” são os que confiam no Senhor (v.3), “não têm ciúme dos que prosperam”, “descansam no Senhor e nele depositam a sua confiança” (v.7). Este mesmo significado de “manso” traduzido por “anawim” é usado em todas as outras ocorrências do termo “manso” no saltério (cf. Sl 25,9; 34,3; 76,10; 147,6; 149,4). Mas este adjetivo só é usado nos evangelhos por Mateus. Jesus é manso e humilde de coração (cf. Mt 11,29). Só reaparecerá na paixão quando Jesus entra mansamente montado num burro manso em Jerusalém. Vem montado num burro, um animal que faz os trabalhos mais humildes e percorre os caminhos mais difíceis. Os cavalos não são bem vistos em Israel pois estavam conotados com a guerra, com os reis e com os inimigos, com a força e a violência, com o poder desde o tempo dos faraós e da passagem do Mar Vermelho (cf. Ex 14-15). Assim, Jesus apresenta-se como um rei cheio de mansidão. Entre o início e o fim do ministério de Jesus está a mansidão. Jesus vem desarmado, pobre, sem violência, devagarinho como andam os burros, de mansinho, discretamente. Só assim consegue olhar a todos e ter atenção para com todos, até por aqueles que se lamentam e choram. Jesus será mansamente descido da cruz, perfumado, envolvido num manto e será mansamente sepultado. Esta mansidão marca decisivamente a imagem de Jesus na Paixão, pois ao longo de todo o processo Jesus permanece manso pois é um homem livre que parte para a morte e que nessa mansidão acrescenta a mansidão de Deus ao mundo. Essa mansidão exala da própria narrativa mansa na sobriedade do contar discreto.

Porque serão e como podem ser *Bem-aventurados os que se lamentam / os que choram*? Mateus usa “penthos” que em grego designa uma pena muito intensa, uma aflição provocada por calamidades ou tragédias, um grande desgosto. Em Is 61,2 (“enviou-me ... a consolar os que andam tristes [‘avêlim TM / penthoutas LXX]”), o texto de fundo desta bem-aventurança, o termo designa uma dor aguda, quase sem esperança, perante uma perda enorme. Jesus não está a dizer que é bom andar cabisbaixo ou a chorar, sempre a lamuriar-se da vida ou a dizer que está tudo mal, que não tem solução. Apenas indica que são felizes aqueles que nessas circunstâncias encontrarão refúgio em Deus. Apesar da grande aflição humana que vivem, é possível encontrar em

Deus consolação. Logo, Jesus abre ao sentido, Deus dá sentido quando parece que não existe mais sentido, pois esse sem sentido não é o último sentido. Perante algumas situações de absurdo, Deus enfrenta-se redentoramente conosco contra o sofrimento e contra a morte. Saber que é assim é consolador, dá sentido à vida, o que transforma esta certeza numa porta de sentido, num umbral de felicidade. Isto permite buscar sempre uma justiça maior. Neste contexto são *Felizes os que buscam a justiça*.

O Novo Testamento tem quatro termos para falar da justiça: "dikê" (pena justa, justiça divina em Act 28,4), a "dikaiosûne" (justiça como rectidão moral, o que Deus requer, a correcção e a honestidade), a "dikaiôsis" (acção de justiça, justificação, absolvição, ainda que apenas usada duas vezes em Rom 4,25; 5,18), e a "dikaiôma" (resultado, efeito de um acto justo, mandamento). Marcos nunca usa "dikaiosûne". Mateus assume o significado normal na linha moral e religiosa em que justiça é a justa relação moral e de correcção segundo o que Deus pretende. Trata-se, portanto, de buscar o valor da justiça, mas de uma justiça que supera a justiça dos homens. Isto implica então ajustar a vida à vida justa de Deus. Não é uma busca de um valor pelo valor, mas de algo que ainda falta. A justiça de Deus não se reduz à justiça dos homens, mas consiste num processo de justificação, de outorgação de condições justas que mais ninguém dá colocando-nos numa situação justa e ajustada. Então feliz serão aqueles e aquelas que nunca se dão por satisfeitos e querem como Deus ajustar o mundo ao mundo de Deus. Estamos aqui muito longe do simples respeito dos direitos humanos. Vai-se muito mais além, Jesus quer chegar ao respeito dos direitos de Deus. Esses direitos levam a usar de misericórdia. Não há contraposição bíblicamente entre justiça e misericórdia. Os que querem a justiça de Deus querem ser como Ele. Por isso, *Felizes os misericordiosos*. Que fazem para tal?

Jesus apenas indicou o princípio, e deixou o campo aberto para que seus ouvintes escolhessem o que fazer e como fazer. A tradição cristã propõe meios muito concretos para exercitar a misericórdia e fazer realmente a experiência dessa ventura. Distingue entre as obras de misericórdia temporais e as espirituais, que mais não são do que a explicitação do discurso escatológico de Mt 25. Assim, as obras de misericórdia temporais são tradicionalmente sete para significar a plenitude: 1ª Dar de comer a quem tem fome; 2ª Dar de beber a quem tem sede; 3ª Vestir os nus; 4ª Dar pousada aos peregrinos; 5ª Assistir os enfermos; 6ª Visitar os presos; 7ª Cuidar dos que partem pela morte. As espirituais são outras tantas: 1ª Dar bom conselho; 2ª Ensinar os ignorantes; 3ª Corrigir os que erram; 4ª Consolar os tristes; 5ª Perdoar as injúrias; 6ª Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; 7ª Rogar a Deus por todos os necessitados, tanto vivos como já passados para além do véu da morte. Estes que assim agem são os "rahamim", os que usam de compaixão, e que vivem, praticam as obras de misericórdia porque as suas entranhas revolvem-se diante

do sofrimento. Para lá das sete obras de misericórdia ditas materiais, encontram-se outras sete propostas de concretizar a caridade cristã nas sete obras de misericórdia ditas espirituais. São também sete porque representam a plenitude das grandes situações mais dramáticas da vida humana. A quinta e a sexta obra convidam respectivamente a perdoar as injúrias e a sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo. A tradição espiritual cristã reescreve desta maneira o ensinamento altíssimamente exigente (mas humanamente exequível) da oitava e nona bem-aventuranças de Mt 5,10-11 ("felizes os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus; felizes sóis se vos insultarem, perseguirem e disserem toda a espécie de mal contra vós por causa do Meu nome"). Por seu turno, o Novo Testamento continua a redizer as profecias do Servo de Javé em Israel como modelo pacificador e desconstrutor da violência que infecta a nossa condição e a vida em sociedade (cf. Is 52,13-53,12). A modernidade esbarrou com o lema lucano de "dar a outra face" (cf. Lc 6,29), esbarrou com a figura sofrida de Jesus e com a figura isaiana do Servo de Javé. Por isso, com Nietzsche o cristianismo, a propósito de Paulo, foi acusado no Anticristo (&42) de se ter transformado numa moral de escravos ressentidos, de falhados, não construtores do super-homem. Os cristãos agiriam então de forma resignada, impotente ou fatalista sem capacidade de acrescentar algo ao mundo e à história. Os cristãos seriam assim gente passiva, sem esperança, mesmo masoquista, pois sofreria sem qualquer luta ou crítica, de maneira resignada ou apática. Nesta lógica completamente autónoma, a misericórdia é entendida como ilógica, e a caridade cristã é arrumada para o canto do sem sentido. Um super-homem não faria nunca o gesto de dar a outra face, e perante este super-homem Jesus na paixão não é o Filho mas um iludido e um ilusor, incapaz de subverter a lógica dos acontecimentos promovidos eles mesmos pela lógica do poder do cinismo quer de Roma quer do sinédrio. Ora, a lógica da suportaçãõ é a lógica da paciência, é a lógica do realismo perante o dado objectivo e irrefutável do pecado do mundo, o mesmo é dizer, do pecado dos homens. No dicionário do super-homem não existe a entrada "perdão". Não sabe o que isso é. Dar através do meu gesto ou através de outrem – é isso que é o perdão, a suportaçãõ – significa a capacidade de perdoar, de dar através dos acontecimentos mas sobretudo pela desproporçãõ. Uma lógica meramente formal da retribuiçãõ proporcional reage automaticamente à injúria ou à violênciã. Humana e impulsivamente até será possível compreender muito do funcionamento sociológico do nosso mundo, isto é, de nós (como concluiu René Girard). Mas o que Girard não conseguiu descobrir são as motivações que levam o Servo de Javé a suportar tudo e todos. Qual a lógica e quais as consequênciãs? Um bode expiatório não é uma fatalidade, como entendeu muita modernidade ou como concluiu Girard. Não reagir de modo proporcional, suportar pacientemente as injúrias, só o consegue quem se dá conta que o outro quando agride está numa situaçãõ

de inferioridade, de imaturidade, situação da qual só consegue libertar-se quando alguém assume a sua condição até ao fim. O que é que faz aquele que ama o outro, como se comporta quem é traído nas suas expectativas, ferido no seu ser mais profundo, como se comporta quem é vilipendiado? Ora, é nesta situação de extrema dificuldade e desencanto que se revela a qualidade "espiritual" do injuriado. O amor perfeito, na verdade, não se mostra nos confrontos de quem responde ao amor com amor, mas nas relações de quem "paga" o ódio com amor, quando não se verifica o adágio popular "amor com amor se paga" mas quando se dá precisamente o inverso "paguei-te odiando-te e menosprezando-te, a ti que me amaste". Se se ama verdadeiramente o outro, o ofendido fará recurso a todas as mediações ao seu alcance para que aconteça uma mudança, uma metanóia, uma conversão de mentalidades e de comportamentos, que desta forma o autor da injustiça encontre o caminho da verdade e da justiça tornando-se "justo". Alguém tem de o ajudar a sair do seu círculo de violência. Sair do círculo vicioso da violência significa aplicar o adágio escriturístico consagrado no código sacerdotal: "não armazenarás no teu coração ódio contra o teu irmão . . . Não te vingará e não mostrarás rancor contra o filho do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lev 19,17-18). Isto mesmo é vivido por Jesus até ao fim na máxima fidelidade à verdade e à condição mesma do humano que nos solicita sempre a querer para o outro o que também gostaríamos para nós. O sinal supremo desta fidelidade é o facto de que Jesus se deixou condenar sem defender-se. Jesus não salvou a sua vida acusando ou fazendo acusar os seus acusadores, mas expôs-se totalmente em plena inocência. Denunciou na sua morte a violência e a mentira contra Ele, para que ao contemplá-Lo na Cruz se pudesse dizer: "este homem era verdadeiramente justo" (Lc 23,47). A misericórdia está precisamente em conseguir por esta via muito concreta fazer sair do círculo vicioso da violência e do pecado em que o coração humano se deixa enleiar tão facilmente. É uma obra de misericórdia espiritual na medida em que solicita o espírito do agressor, do injurioso, que por esta via é desafiado a pensar. A desproporção é sinalética, surge como paradoxal. Nas palavras do nosso povo, das duas uma, ou enlouqueceu ou algo nos quer(em) dizer. Será a paciência que poderá levar o injurioso ao reconhecimento da bondade do outro, que não só não se vingou do mal sofrido mas que procurou uma relação verdadeira, aceitou sofrer, suportar, para que se chegasse à verdade na livre adesão ao caminho da justiça. A suportação abre ao injurioso as portas da compreensão, isto é, do perdão pelo qual lhe é dada uma nova hipótese. O injurioso é objecto de um acto de misericórdia imotivada, desproporcionada. É neste ilogicidade que ele descobrirá que as suas palavras não serão usadas para a condenação mas para a misericórdia. Isto acontece em nome de uma gratuidade, com lógica porque com sentido. Fica assim sublinhada a liberdade daquele que pode perdoar, o qual não é obrigado por nenhuma autoridade

heterónoma, nem pelo comportamento do que injuria. Trata-se da liberdade que nasce do amor gratuito pela outra pessoa, e como tal não tem lei. Se a vítima quer perdoar é o seu poder que o permite. Neste contexto, o perdão é um acto originário, criativo, gera uma nova relação, outras possibilidades. É um acto de justiça, logo de misericórdia. São pouco frequentes os casos em que alguém tem paciência, sabedoria e inteligência suficientes para introduzir na dinâmica das relações sociais esta lógica da reconciliação. Isto é sinal de que se trata de algo humanamente difícil, mas não impossível. Devemos, contudo, recordar duas figuras emblemáticas, que podem ser consideradas como modelo e anúncio daquilo que é prometido à humanidade e esperado por todas as gentes. Em primeiro lugar deve-se evocar o rei David, que não só não reage com violência às hostilidades de Saúl (cf. 1 Sam 24-26), mas assume o papel de pacificador das nações ao conceder a amnistia àqueles que com Absalão se rebelaram contra ele (cf. 2 Sam 19,16-24). A vitória de David e a sua ascensão ao trono são feitas no perdão. Ainda mais clara e fundamental surge-nos a figura de José, o irmão simbolicamente vendido à mão dos seus irmãos. Feito vice-rei do Egipto, usa toda a sua sabedoria para induzir os irmãos a reconhecer o que fizeram, coloca em jogo toda a sua autoridade, o seu poder tentando reunir num abraço de perdão toda a família (cf. Gen 45,14). Se a narração dos Génesis começa com o fratricídio de Caím, ela termina com a história do ciclo de José. A violência dos irmãos no início dissolve-se com a clemência final de José. Ora, esta perspectiva não se pode traduzir automaticamente num dispositivo ou artigo legal. Ela é resultante de um espírito incansável. Isto faz das bem-aventuranças um espírito muito mais envolvente do que o espírito formalista dos Dez Mandamentos, porque permite levar o amor até às últimas consequências. Isto acontece em corações puros. Por isso, *Felizes os puros de coração*.

A pureza de coração não é do âmbito do rito, mas dos que pretendem aproximar-se do Deus santo como refere tgLev 9,6: "expulsai a má tendência e a Shekinah do Senhor vos será revelada". O salmista esclarece o alcance destes corações:

Sl 15:1-5 "Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há-de morar no teu santo monte? ² O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade; ³ o que não difama com sua língua, não faz mal ao próximo, nem lança injúria contra o seu vizinho; ⁴ o que, a seus olhos, tem por desprezível ao ímpio, mas honra aos que temem ao Senhor; o que jura com dano próprio e não se retrata; ⁵ o que não empresta o seu dinheiro com usura, nem aceita suborno contra o inocente. Quem deste modo procede não será jamais abalado".

Os puros de coração são aqueles que vivem com autenticidade. Não são os que cumprem a pureza ritual, mas que são verdadeiramente sinceros no seu íntimo¹³, porque sabem que o mal reside antes de tudo na intenção da acção e não somente no resultado que se concretiza no gesto exterior praticado (cf.

Mt 5,28). Sabem que o mal vem de dentro e não de fora. Não têm medo da verdade e não escondem nada, ao contrário dos escribas e dos fariseus (cf. Mt 6). Muitas vezes isto causa-lhes dissabores em nome da justiça, como àqueles que buscam construir a paz.

Felizes os pacificadores e os que sofrem por causa da justiça. Estes não se limitam a desejar a paz ou a manter a ausência da guerra, como faz a hipocrisia da diplomacia internacional, muitas vezes em ditas conversações de paz (mas que não o são). Antes, empenham-se na promoção da paz, na pacificação de modo bem activo, mesmo que isso custe a perseguição. São felizes por procurar a fidelidade a Cristo e não por buscar o sofrimento pelo sofrimento ou a perseguição pela perseguição ou a paz a qualquer preço (não pacífico ou violento). Esta última nota é muito importante, porque não esconde o caminho da felicidade cristã, caminho que passa pela perseguição, pela dificuldade, pelo embate com a indiferença e com a hostilidade. Jesus nunca anuncia só a cruz nem só a ressurreição. Isto explica por que motivo o Novo Testamento nunca usa o termo grego da cultura helénica de "eudaimonia" para falar da felicidade, categoria que já lá vinha desde os tempos de Aristóteles. O "eudaimôn" é uma categoria intimista e individualista. O termo cristão correspondente de "felicidade", ao invés, é a "kairê" (a alegria). Nem sempre isto foi notado ao longo da história da teologia e da história da Igreja. Houve, por isso, algum desequilíbrio na interpretação das bem-aventuranças, uma polarização mesmo: as bem-aventuranças foram vistas essencialmente como dons da graça no mundo protestante ou reduzidas muitas vezes a simples prescrições éticas e morais desde a Patrística, passando pela Idade Média até à recente tradição católica. Na verdade, a tradução correcta será a de "ventura", de "boa-aventurança", de uma boa aventura. Anunciam dons que nos são deixados como desafios, como convites, mesmo que exigentes, convocadores da nossa medida alta. Muita gente ouviu Jesus, poucos ficaram depois para O seguir. Não estavam dispostos a fazer seja o que for, só queriam receber tudo de mão beijada, sem qualquer esforço. Consideravam que bastava a lei, que tudo se resolvia com a lei, com leis. Estavam atolados numa sociedade com critérios de mediocridade, de nivelamento por baixo. Também já não era suficiente uma moral de consensos, uma ética minimalista. Todos somos mais capazes, muito mais capazes do que isto, a começar pelas crianças.

Desde os inícios da tradição cristã que este projecto, que este discurso das bem-aventuranças foi considerado universal nos destinatários: é para todos e pode ser vivido por todos¹⁴. Com os novos movimentos sociais na Idade Média que levaram depois de Constantino à entrada em massa de muitos cristãos

¹³ Cf. PIERRE BONNARD, *L'Évangile selon Saint Matthieu*, [= CNT 1], Genève 2002, 57.

na Igreja, S. Tomás de Aquino distinguirá entre preceitos e conselhos evangélicos. Os primeiros seriam universais, os segundos mais radicais e só vividos por alguns como estados de perfeição (*STh* I.IIae q.107-108). Todos seriam chamados a viver os preceitos, mas os conselhos evangélicos seriam objecto de uma livre opção. Aqui integrará o sermão da Montanha. Pelos vistos, a ventura afinal seria apenas para alguns mais santos ou capazes de viver os novos "conselhos de perfeição". As dificuldades com a interpretação do discurso da Montanha chegarão à própria plural tradição cristã já no período dos Padres apologetas. Assim, os Actos de Paulo e Tecla no nº5, um texto apócrifo do tempo de Sto Ireneu dos finais do séc.II d.C. o atesta:

"disse Paulo: felizes os puros no coração (katharoi tê kardía) porque verão a Deus,
 felizes os que mantiveram a carne casta (agnên tèn sarká) porque serão templo de Deus,
 felizes os continentes (enkrateis) porque Deus falará com eles,
 felizes os que se mantiveram distantes deste mundo (apotacsámenoi tô kosmô toutô) porque serão agradáveis a Deus,
 felizes os que têm mulheres como se as não tivessem pois experienciarão a Deus".

Estas não são nem as bem-aventuranças de Jesus nem as de Paulo, devido à negatividade do mundo que deixa transparecer, num pensamento dicotómico e anti-corpóreo, como é próprio dos gnósticos¹⁵ em clara contraposição ao testamento de Jesus em Jo 17. Ao invés, as bem-aventuranças de Jesus são uma absoluta inserção na carne do mundo, seguem o caminho da encarnação, caminho de que muitos proponentes da felicidade fogem. Os ditadores colocam a bem-aventurança em si e no Estado, outros colocam-na nas armas. Os voluntaristas consideram bem-aventurada apenas a sua condição, porque se apoiam exclusivamente na sua vontade. Além destes surgem também os optimistas, para os quais não há nada mais a esperar pois consideram que este é o melhor dos mundos. Outros colocam a bem-aventurança na saudade, na nostalgia do passado, no fado e na resignação, como os velhos do Restelo ou Israel junto às águas de Meribá (cf. Ex 16-17). Esses são os pessimistas, segundo os quais não existe nada mais a esperar da realidade. A modernidade, como o dr. Fausto do Goethe, colocou a bem-aventurança no progresso e na razão, no puro cálculo. Viu-se onde conduziu essa felicidade. O mundo contemporâneo muitas vezes

¹⁴ Cf. *Didaché* VI.2; JUSTINO, *Apologia* I,16.4; JOÃO CRISÓSTOMO, *Homiliae in Sermo Montis* XV.1-2; AGOSTINHO, *De Sermonibus Domini in Monte* I.1 [= PL 34,1] ("... in eo praecepta esse omnia quae ad informandam vitam pertinent ...").

¹⁵ Como mostra JAMES W. AAGESON, *Paul, the Pastoral Epistles, and the Early Church*, Hendrickson Publishers, Peabody Massachusetts 2008, 199.

continua a colocar a ventura, a boa aventura na tecnologia e no consumo. Até se "burn out" nisso, esgota-se nisso. Depois fica sem nada. A bem-aventurança é aqui e agora para muito do nosso mundo contemporâneo. Os fariseus contemporâneos de Jesus colocam a bem-aventurança na lei e no sacerdócio de Jerusalém. Os pensadores de Atenas no tempo de Paulo julgam-se bem-aventurados porque têm tudo à disposição. Só eles o são, os escravos não são felizes porque não o podem ser (consideram eles). O marxismo e o nazismo no século XX depositaram a bem-aventurança numa ideia, nas ideias, dando origem às duas grandes ideologias que afligiram o século XX. Nietzsche depositou-a na vontade, como Schopenhauer. Stephen Hawckins considera-se um bem-aventurado por ser cientista, e acha que é o detentor da chave de leitura do mundo e do cosmos. É o velho preconceito ou mito positivista. Essa é a bem-aventurança segundo a qual a certeza evidente e dita científica é a única bem-aventurança, não existindo mais nada para lá do método experimental dito científico (como se não existissem outras dimensões da realidade e da pessoa).

Conclusão

Em síntese, o grande mistério do discurso da Montanha é o facto de não ser uma prescrição de obrigações, um conjunto de normas, mas um ensinamento. Não é uma regra nem uma obrigação canónica. É antes uma lei espiritual, a lei da semelhança cada vez maior com Aquele que é verdadeiramente pobre, manso, justo, pacificador. Trata-se, portanto, "de um princípio divino"¹⁶ com o qual Jesus ensina que não adianta quereremos encontrar a justiça em tudo o que fazemos, não nos pede para não nos defendermos das injustiças nem para as aceitar como tal. Jesus chama-nos aqui ao melhor de nós mesmos que é o melhor de Si mesmo. Por isso é tão empenhativo, é uma felicidade viver como Ele. Precisamente por isso não se trata de uma palavra impraticável. É um caminho de perfeição, não é um caminho para mulheres ou homens perfeitos, logo ventura para todos.

¹⁶ Cf. CARD. CARLO MARIA MARTINI, *Il Discorso della montagna Meditazioni* (2006), Milano 52007, 105.